

# **A LITERATURA INFANTIL: PROVOCANDO MUDANÇA DE COMPORTAMENTOS E AUTOREFLEXÃO DOS ENVOLVIDOS**

Iolanda da Costa da Silva  
Fabiana Rosário Miranda de Souza  
Luciene Cardoso da Silva

## **RESUMO**

O artigo relata algumas aprendizagens com um grupo de 6 (seis) alunos, do terceiro ano, em uma Escola Municipal de São Gonçalo – RJ, no ano 2019. Este grupo apresenta distintas problemáticas. Assim, decidimos trabalhar com a literatura infantil. O que nos levou a confirmar que as mudanças são possíveis e muitas vezes elas acontecem como na história.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Diálogos. Aprendizagens.

## **Introdução**

Temos como referência que o espaço escolar é um lugar de distintas aprendizagens, a esse respeito, Freire (1996) afirma que o diálogo é peça essencial para processo de produção do conhecimento:

Pensar certo não é que - fazer de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento do ponto de vista do pensar certo, não é transferido, mas co-participado. Se, do ângulo da gramática, o verbo entender é transitivo no que concerne à “sintaxe” do pensar certo ele é um verbo cujo sujeito é sempre co-partícipe de outro. (p. 37).

Dáí a importância da escuta sensível (BARBIER, 1992) no diálogo entre professores e alunos/as, na perspectiva de que pensar certo, não é transferido, mas co-participado.

A partir dessa linha de raciocínio, acreditamos que no chão da escola também aprendemos regras de convivências, direitos e deveres dentre outras coisas importantes para o nosso cotidiano. Contudo, como afirma Freire (1996) é relevante que antes de ensinarmos tenhamos o desejo de conhecer um pouco a quem estamos ensinando. E, enquanto conhecemos aprendemos, o que torna a escola um lugar de trocas.

Entretanto, o conhecimento do outro não é algo que se dá em poucos encontros, tendo como base principal uma escuta atenciosa e respeitosa em relação as falas/conhecimentos das crianças envolvidas. Sendo assim, poderá demandar mais tempo para conseguirmos "acessar" a cultura "embutida" nos diversos conhecimentos compartilharmos, sendo um processo contínuo e complexo.

Acreditamos que, todo conhecimento é sempre bem vindo, trata-se de algo que foi construído e internalizado por cada criança.

Na escola, especificamente na sala de aula é esse conhecimento, através da escuta do outro, que nos proporciona uma base para nosso planejamento, nossa ressignificação... E, assim, legitimamos as falas dos estudantes e seus saberes, valorizando todos os seus conhecimentos e as culturas as quais pertencem.

Em alguns trechos desse texto será na primeira pessoa. Não que a profissional tenha trabalhado sozinha, pois, em uma escola não trabalhamos sozinhos. Mesmo que às vezes, uma ajuda demore a chegar, ou talvez ela nunca aconteça. Nós temos sempre parceiros e às vezes os principais estão na sala de aula. São os próprios alunos que muitas vezes fazem uma boa leitura da nossa prática pedagógica. As crianças conseguem perceber quando não estamos bem, quando estamos inquietos, felizes e assim por diante. Mas, existem vivências individuais mesmo em um trabalho em equipe.

### **Metodologia:**

Adotamos os princípios das metodologias de pesquisa interativa, tais como as explicitadas nas produções de BRANDÃO (1987), THIOLENT (1997), CHIZZOTTI (1995) dentre outros.

Nesta perspectiva metodológica de pesquisa há a necessidade de ouvir todos os envolvidos no trabalho/pesquisa. Desta forma, é preciso de um espaço constante para o diálogo, conversação esta que será capaz de contribuir na construção de conhecimentos e trocas de experiências, compreender e potencializar interações culturais, subjetivas, linguísticas e transversais dos saberes.

Como afirma THIOLENT (1997): *“Toda pesquisa-ação possui um caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada”* (p. 21). Essa metodologia de pesquisa possibilitou a construção de conhecimentos por meio da vivência com o outro, onde as experiências ou a falta das mesmas podem sinalizar caminhos para a busca de novas possibilidades.

Despertando em nossas crianças a consciência de que elas também são capazes de mudar algumas ações na vida delas. Que mesmo tão jovens têm condições de fazerem escolhas. Para CHIZZOTTI (1995)

[...] de um modo geral, visam auxiliar a promoção de algum tipo de mudança desejada, pressupõem uma tomada de consciência tanto dos investigados como dos investigadores dos problemas próprios e dos fatos que os determinam para estabelecer os objetivos e as condições da pesquisa formulando meios de superá-los (p. 77).

Tais mudanças, nós percebemos que somente são possíveis de acontecer através do respeito e do diálogo. As transformações são possíveis quando nosso olhar sobre o outro se transforma em ouvir, falar e o buscar caminhos juntos. No entanto, a mudança tende a não acontecer se não houver o desejo pela mesma, se os possíveis caminhos para a transformação não forem apresentados ou encontrados, discutidos e, principalmente, se a busca pela mudança for solitária.

O trabalho aconteceu em uma Escola Municipal de São Gonçalo, com um grupo de 6 (seis) alunos com idades correspondentes entre 9 (nove) e 10 (dez) anos, no segundo semestre de 2019. Tivemos como objetivo principal trabalhar a autoestima da turma e promover situações nas quais os estudantes se percebessem agentes ativos das próprias escolhas. Em especial, um aluno conhecido por toda a escola por seu comportamento e a sua realidade de vida.

## **Desenvolvimento:**

### **1.1. Conhecendo um pouco sobre o grupo de alunos:**

A turma de referência, que é a turma de origem a qual esse grupo pertencia era definida pela professora de referência como atípica, até porque eles não tinham o perfil de alunos do 3º ano, mas de um 2º ano. A professora

relatava que os estudantes tinham pouco tempo de concentração e nessas oportunidades que a profissional aproveitava para trabalhar os conhecimentos escolares e o que mais fosse necessário.

Na sala havia um número expressivo de crianças com dificuldade de aprendizagem e a grande maioria dos alunos apresentavam resistência em cumprir regras para uma boa convivência. Diante dessa realidade, foram pensadas como estratégias a divisão da turma em 3 (três) grupos, com a finalidade de melhorar o processo de ensino e aprendizagem para todos. Objetivando tal finalidade, a turma foi dividida da seguinte forma: i) um grupo de alunos que sabem ler; ii) alunos que identificam as letras; iii) e os que não identificam as letras. Este último foi o grupo do trabalho/pesquisa. E com ele, uma das autoras fez alguns trabalhos individuais, desta forma, reforçamos e justificamos o que foi dito anteriormente, que alguns trechos do texto estará na primeira pessoa.

Após as primeiras observações e diálogos percebi que os alunos, além das distintas dificuldades de aprendizagem, apresentava muita insegurança. Um medo muito grande de tentar fazer as atividades e não conseguir. E, diariamente tinha alguns conflitos na sala de aula.

Na turma pude observar que um estudante apresentava uma agressividade diferenciada, não de forma física, mas no que se referia as palavras que costumeiramente utilizava, tinham o intuito de diminuir seus pares. Dessa maneira, conseguia "ferir" os colegas de uma forma que nos causava certo estranhamento, porque com os docentes era muito carinhoso e cuidadoso. Às vezes parecia que ele estava se "vingando" de alguma coisa e sentia prazer em magoar as demais crianças.

Entretanto, quando íamos conversar com ele, falava que era brincadeira ou então ficava quieto.

Ele era um aluno conhecido por todos os profissionais da escola, devido o seu comportamento. E todos tinham conhecimento sobre a sua realidade de vida e o quanto era difícil em todos os aspectos. Desta forma, faziam o que estava ao alcance para amenizar seu sofrimento, oferecendo muito carinho e conversando sempre que possível.

Aos poucos essas informações a respeito do aluno, que aqui vamos chamar de XX, chegavam a mim.

Outro agravante, eles tinham o hábito de esconder os pertences dos colegas e isso gerava um clima tenso. Diante de todos esses acontecimentos, percebemos que era de extrema relevância, diariamente, antes de tudo, trabalharmos as regras de convivência, o respeito ao próximo e a si mesmo com a finalidade de despertarmos nos estudantes o desejo de rever suas ações e com isso mudar as práticas diárias dentro do espaço escolar e fora também.

Mas, no geral, era um grupo em que todos se davam, exceto na hora em que XX começava a "maltratar" os colegas com palavras impróprias ou quando sumia alguma coisa.

## **1.2. Vivências que provocam outras vivências:**

Diante de toda a complexidade anteriormente exposta, começávamos sempre as aulas conversando. Procurávamos saber o que os estudantes tinham feito depois das aulas do dia anterior e na manhã antes da aula.

E como eles eram estimulados a levarem um livro para casa, nós sempre perguntávamos quem fez a leitura e o que acharam da história. Mas, a maioria não lia, na verdade somente uma aluna fazia a leitura sempre. E, durante essas conversações sempre abríamos uma brecha para abordarmos as regras da boa convivência, do cuidado e o respeito para com o outro.

Com este grupo específico, trabalhei com maior intensidade o componente curricular: português. Assim, todos os dias eles faziam uma leitura e propunha um ditado. Como o ditado era diário, as crianças deram a ideia que cada um falasse uma palavra ou frase. E, eu concordei, pois se tornava mais dinâmico e eles se sentiam importantes e melhorava a autoestima.

Já em matemática foquei mais as quatro operações, não esquecendo os outros conteúdos importantes para o dia a dia dos estudantes.

Um dia, durante uma aula do componente curricular de matemática, cujo objeto de conhecimento eram os números romanos, o aluno XX perguntou \_\_

**Por que temos de aprender isso?** Eu respondi que em alguns textos, livros e relógios nós podemos encontrar esses números. Então, uma colega falou que na casa dela tinha um relógio com esses números. Foi interessante, pois, o aluno só demonstrou interesse em aprender os números romanos quando percebeu a importância dessa aprendizagem em sua vida diária. Dialogando com CERQUEIRA (2006), identificamos que:

Um dos objetivos da educação não é simplesmente o de efetivar um saber na pessoa, mas seu desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende e de ser parte ativa dos processos de subjetivação associados à sua vida cotidiana (GONZALEZ<sup>1</sup> REY10, 2001 *apud* CERQUEIRA, 2006). Essa afirmação nos leva a enxergar o aluno como aquele sujeito ativo na sua aprendizagem, uma vez que ele se apropria do conhecimento, o mesmo terá a ousadia de utilizá-lo na sua vida prática. É por isso que reafirmamos que devemos aprender e ensinar aquilo que tem sentido para o estar no mundo dos alunos. Não adianta dizer que a terra é redonda, se para aquele sujeito essa informação não faz o menor sentido [...] ( p.4).

É sabido que há um conhecimento escolar a ser apreendido, mas há modificações possíveis que podem dar ênfase aos assuntos associados à vida do estudante. Aprender por aprender não leva ninguém a entender determinado assunto/conteúdo. Porém, aprender para por em prática ou com uma aprendizagem significativa contribui para que o aluno não perca o interesse pela escola.

Não que a escola tenha de ter como finalidade só trabalhar objetivamente, mas quando conseguimos associar as aprendizagens escolares ao cotidiano, o estudo passa a fazer mais sentido.

O estudante XX era sempre curioso, sempre questionava e sempre tinha uma história para contar. Mas, em uma determinada atividade, do nada falou que “o cachorro fazia xixi no rosto dele”. Então perguntei como e por que ele deixava. Falei que isso não podia acontecer, pois, ele não era chão e nem lixo. E que ele precisava orientar o cão.

Ele falou \_\_\_ **O cachorro sai correndo então eu não consigo brigar com ele.** Então, expliquei que era para esperar o cachorro voltar e brigar com

---

<sup>1</sup> Gonzalez Rey, F. L. (2001). A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *Psicologia da Educação*, 13, 9-15.

ele com um pedaço de jornal e mostrando o xixi e falando que não pode. Com isso a atividade continuou. Mais tarde ele falou \_\_\_ **Tia eu fui jogado no lixo.** Eu assustada falei: O quê?

Então as crianças pronunciaram \_\_\_ **É serio, ele foi achado no lixo!**

Ele continuou \_\_\_ **É, minha mãe me jogou no lixo, então minha vovó, que Deus a tenha, olhando para o céu, me pegou do lixo. Mas como minha vovó morreu eu agora moro com minha tia.**

Então, perguntei se ele gostava de morar com a tia e ele falou que não. Aquela história ficou no meu pensamento. No fim da aula eu conversei com a professora de referência da turma e falei sobre o relato, ela confirmou e falou que ele sofria muito, pois, a tia não queria ficar com ele, mas não teve outra solução.

Diante de todas estas informações que mexeram profundamente comigo comecei a compreender os possíveis motivos que levavam XX a querer diminuir os colegas com frequência. Na verdade, ele talvez se sentisse "diminuído" mediante a sua trajetória de vida e de rejeição. A fala do estudante sobre o xixi do cachorro tinha um significado bem maior do que imaginávamos. Nós não podemos esquecer que "a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial" (BAKHTIN, 1986, p. 95, *Apud* PASCHOAL, 2009, p. 5389). Desta forma, são com as palavras que:

[...] vamos construindo para nós mesmos e para os outros os sentidos do que vemos, tocamos, ouvimos: nos espaços, os homens, as coisas e suas relações são temporalizados pelas linguagens com que referi-mos e interpretamos o que nos acontece. (GERALDI, 2002, p.2).

As palavras que o aluno usava em alguns momentos com os seus colegas, estava nos passando a sua visão de mundo, o seu mundo, suas experiências, suas emoções mexidas por sua história.

Enquanto tentava digerir todas essas informações, por um instante me pegava tentando não pensar muito sobre o assunto. Mas, não conseguia e toda essa mistura de emoção me fez lembrar a fala de Nilda Lacerda (2010), em seu livro ela nos questiona: "**em nosso caso como tirar a máscara de professor, de professor quando termina o espetáculo da docência. A máscara virou um modo de ser?**" O professor é professor em horário

integral. Até porque lidamos com vidas e histórias, essas não podem ser apagadas de uma hora para outra. Até por que as vidas nos tocam, nos movem e nos transformam.

Após começar a organizar as ideias conversei com a professora de referência, em muitos dos encontros que tínhamos frequentemente, e pensamos em trabalhar com a literatura infantil com mais frequência, algo que sempre gostei, mas, não estava me apropriando como de costume. Estava mais preocupada em trabalhar o conteúdo escolar.

No entanto, toda essa vivência me fez refletir e, decidi tentar promover novas vivências na vida dos estudantes. Comecei a exigir menos silêncio, pois, às vezes “é inútil impor silêncio numa classe em que os pensamentos estão borbulhando e precisam ser compartilhados.” (CERQUEIRA, 2006, p. 4).

No caso o grupo, eles estavam cheios de pensamentos, todos moravam em uma comunidade violenta, alguns ficavam em casa sozinhos, então sentiam medos, tinham anseios. E XX tinha todos os motivos para ter essa certa inquietude. E, fora outras histórias que eles gostavam de compartilhar. Nas conversas, fiz um acordo com eles, quando eu precisasse de silêncio era para silenciar. Às vezes dava certo outras não, mas, valeu o acordo.

Certa ocasião, saímos a procura de um livro que auxiliasse em um trabalho com a turma e achamos um livro já trabalhado por mim, mas não nessa turma. A história era sobre um menino que lembrava um pouco o XX, a criança da história fala coisas que machucavam os colegas, do livro “Bolha de emoção. Meia na água e sabão”, da autora Renata Adrião.

**Resumo.** Um garoto de temperamento explosivo resolve mudar seu comportamento. Mas não tinha muita saída. Já tinha sido avisado pelo amigo: ou mudava ou saíria da turma. Então, se fechou no quarto a fim de encontrar um jeito de conter seus ímpetos e achou uma solução: para evitar encrencas na rua e na escola, toda vez que sentisse necessidade de extravasar, ele abriria um pé de meia velha, que já chutou muita bola, e soltaria todas as suas emoções: gritos, broncas; afinal, o pé de meia ouve tudo sem escutar e toda “sujeira” que nele ficasse depois seria lavada com água e sabão. Disponível

[https://www.paulinas.org.br/sala\\_imprensa/?system=news&action=read&id=671](https://www.paulinas.org.br/sala_imprensa/?system=news&action=read&id=671)

Tendo como pretexto a história apresentada, trabalhei o cuidado que devemos ter com as palavras, o autocontrole, as consequências das ações ruins em nossas vidas e na vida de terceiros.

Também trabalhei mudanças e a importância das mesmas. Mas, principalmente a importância de revermos nossas ações e termos a certeza que sempre podemos mudar para melhor.

Contudo, explicitarei que nem sempre é fácil, mas devemos tentar mesmo que pareça impossível. Conversamos um pouco sobre os nossos defeitos. Comecei falando dos meus e, eles, aos poucos, foram falando dos deles.

Depois conversamos sobre a escolha do menino pela meia. A princípio eles não compreenderam, mas quando eu perguntei se a meia sentia dor eles compreenderam o porquê da escolha, pois, a meia podia ouvir tudo e não sentiria nada, ela não tem sentimento.

As palavras não a deixavam triste, mas as pessoas tendem. Esse trabalho foi tímido, as crianças ficaram mais caladas do que o normal. Às vezes parecia que eles não estavam escutando.

### **1.3. Tempo para todas as coisas:**

Certo dia XX estava muito agitado, brigou com todo o grupo, não queria fazer as atividades. Então, no término da aula eu peguei o caderno dele e escrevi um bilhete informando o acontecimento. Ele começou a chorar e ficou desesperado, falando que ia apanhar. Então, eu peguei o caderno dele e fiz uma coisa que nunca havia feito em nenhuma turma, relatei para turma o que tinha acontecido e falei que por esta razão não enviaria nenhum bilhete para o responsável do aluno, mas ele deveria pedir desculpa a turma.

Foi interessante, pois, o grupo aceitou sem problema. E uma aluna falou **— Tá bom, tia! Ele já pediu desculpa, se ele não obedecer amanhã a senhora manda o bilhete.** Essa estudante foi a mais atingida por ele e eu acertei nesse compartilhamento com o grupo sobre a situação problema do dia.

No final eles se resolveram sozinhos. Como explicitado no início do artigo, nós nunca estamos sozinhos e muitas vezes nossos parceiros são

nossos alunos. Eles são os primeiros a trabalharem conosco e eles nos ensinam, nos abraçam, querem ajudar...

E isso ficou claro ao compartilhar minha angústia com os alunos. Os estudantes reclamam quando chamamos a atenção, mas, reconhecem a necessidade de tal atitude, mesmo que em um futuro distante. Nós professores trabalhamos para eles e com eles. Eles são nossos maiores desafios, nossos melhores avaliadores e deles que vêm os resultados do nosso trabalho.

No dia seguinte XX chegou e falou \_\_ ***Tia, eu não vou xingar mais.***

Eu achei que isso não fosse possível, mas falei \_\_ ***Que bom!!!***

A aula toda XX não falou nenhuma palavra pejorativa. Quase no término da aula ele falou \_\_ ***Tia, eu falei tudo para meia.***

Eu em pensamento perguntei \_\_ ***Que meia?***

E imediatamente a aluna, a que o estudante tinha implicado a aula anterior, como se tivesse lido meu pensamento explicou \_\_ ***Tia, a meia tia. Ele falou tudo para meia e depois lava para usar no dia seguinte.***

Essa fala me pegou de surpresa e por um instante eu só conseguia pensar: ele fez como o menino da história. Ele usou a meia para desabafar, para mudar uma situação. Na verdade eu nunca pensei que alguém fosse levar ao pé da letra as orientações sugeridas por uma história. Como de agir da mesma forma como o enredo da história, falando para uma meia tudo o que sente de ruim e depois lavá-la para usar no dia seguinte. Dialogando com PANTOJA e SICSÚ (2015) percebemos que:

No nível emocional é preciso pensar a leitura como algo que provoca, ou não, empatia, participação afetiva, muitas vezes levando o leitor a sentir-se na pele do personagem. Neste contexto é preciso pensar no texto não como algo que o leitor sente, mas como algo que acontece com o leitor, o que ele faz, provoca no leitor. (p. 6).

Acreditamos que a história falava um pouco da realidade do aluno e por essa razão o mesmo se identificou com o personagem e se apropriou dos mesmos instrumentos para melhorar sua relação com os colegas da sala.

Avaliamos que com essa história poderíamos ajudar os alunos a se auto avaliarem, a perceberem o que as ações desagradáveis podem provocar no próximo e com isso desejarem melhorar, pois, todos nós podemos mudar.

Mas, essa apropriação nos surpreendeu e também nos deixou radiantes e com a certeza que nosso objetivo foi alcançado, não do nosso jeito, mas do aluno.

Esse acontecimento foi compartilhado com distintos atores na escola. Com as ações positivas do aluno e o método que ele usou, percebemos o quão ampla pode ser uma leitura, o quão profundo ela pode alcançar. Não que não tivéssemos conhecimento da profundidade que uma boa leitura pode provocar/despertar na construção de novas ações e autocontrole de cada estudante.

Antes de XX sair falei que gostei do que ele fez e perguntei se foi difícil para ele não xingar, então ele falou : - “não foi”.

Continuando a conversa, tentei explicar para ele que assim como ele escolheu não xingar, ele pode escolher deixar de fazer outras coisas erradas também, ele pode estudar e trabalhar em algo que ele sonhe. Que não existem limites para mudanças. O limite só existe até que alguém o ultrapasse.

### **Conclusão:**

A relevância deste trabalho está na simplicidade em que as mudanças aconteceram. As aprendizagens foram significativas e as surpresas, por vezes, faltavam palavras para descrevê-las. Percebemos que trabalhar com a literatura e despertar sentimentos, sonhos; é promover liberdade e possibilidades. E, tais sensações e percepções eram vivenciadas durante este trabalho de partilha de conhecimentos e novas construções. Não somente com os alunos, mas com cada uma de nós.

Compreendemos que o caminhar dentro do espaço da escola é algo complexo, mas nós sempre teremos alguém ao nosso lado, que ora poderão ser os nossos alunos, esses, que por vezes percebem se estamos bem ou não, que dão dicas por qual caminho podemos percorrer, que conseguem compreender o colega, pois, vivenciam uma realidade semelhante e até por terem a mesma linguagem.

Acreditamos que mudar é possível, mas demanda um desejo e algumas vezes uma "briga" interna. É algo que pode ser rápido ou devagar, não importa.

O importante é que a esperança por uma mudança nunca morra. Mesmo que parece que nenhuma das tuas investidas tenha afetado o outro. Existe um tempo para todas as coisas, por isso nunca devemos parar de lutar para que o melhor do outro apareça.

E pode acontecer da forma menos esperada, assim como mudança do nosso aluno XX, que ao utilizar a meia como um instrumento de mudanças, nos mostrou da importância da *escuta sensível* e do olhar atento para a bagagem de histórias trazidas para o interior do espaço escolar, bem como o potencial da literatura infantil para se desenvolver um trabalho que ajude a "rever" situações e promover mudanças de comportamento.

É relevante termos em mente que por vezes as mudanças não acontecerão como imaginamos. E, talvez os meios nos surpreendam, contudo que os caminhos nos tragam transformações e que possamos de algum modo, enquanto professor/pesquisador "tocar" respeitosamente a história dos alunos, propondo-os atividades que os auxiliem em algum aspecto de sua vida pessoal e escolar.

### **Referências:**

BARBIER, René. **A escuta sensível em educação**. Caxambu: Revista da Anped, 1992.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. (org.) **Repensando a pesquisa participante**. SP: Brasiliense, 1987.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, *João Wanderley*. **Leitura: uma oferta de contrapalavras**. In: *Educar*, Curitiba, n. 20, p. 77-85. 2002. Editora UFPR.

LACERDA, *Nilma*. **Bárbara debaixo da chuva**. Ed. Galera Record. Rio de Janeiro, 2010.

MATOS, Mariana; FERREIRA, Sandra. **O papel da afetividade e do outro na constituição de leitores de classes menos favorecidas.** *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 26, p. 87-107, jun. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752008000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752008000100006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 jan. 2020.

PANTOJA, Luana de Vasconcelos; SICSÚ, Delma Pacheco. **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E SEUS DIFERENTES NÍVEIS: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS NÍVEIS DE LEITURA.** *In: Anais VI FIPED.* Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN 2316-1086, Realize editora, 2015.

PASCHOAL, Moura Jeani Delgado. **O USO DE DIFERENTES LINGUAGENS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REDEFININDO OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM** disponível em [educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3399\\_1794.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3399_1794.pdf). Acesso em 12/02/2018.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa – ação nas organizações.** São Paulo: Atlas, 1947.

#### NOTA CURRICULAR

Iolanda da Costa da Silva – Professora dos anos iniciais na Secretaria de Educação de Itaboraí. E-mail: [iolanda.io.costa@gmail.com](mailto:iolanda.io.costa@gmail.com).

Fabiana Rosário Miranda de Souza – Diretora na secretaria de Educação – São Gonçalo. E-mail: [pedagogafabiana@hotmail.com](mailto:pedagogafabiana@hotmail.com).

Luciene Cardoso da Silva – Professora nos anos iniciais na Secretaria de Educação - São Gonçalo. E-mail [luciene42000@yahoo.com.br](mailto:luciene42000@yahoo.com.br).